



MÔNICA CASTILHOS

**O LUTO DOS PAIS DIANTE DA PERDA DE UM
FILHO AINDA NA INFÂNCIA**

Trabalho de Conclusão do Curso de
Psicologia

Orientadora: Dra. Tânia Maria Cemin

Caxias do Sul, RS

2022.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	04
2. OBJETIVOS	06
Objetivo Geral	06
Objetivo Específicos	06
3. REVISÃO DE LITERATURA	07
3.1 A percepções dos pais acerca dos filhos	07
3.2 Interferências do Processo de Simbolização do luto na Cultura	12
3.3 O Processo de luto	14
3.4 O luto para a figura materna	17
3.5 O luto para a figura paterna	20
4. MÉTODO.....	23
4.1 Delineamento	23
4.2 Fontes	23
4.3 Procedimentos	24
4.4 Referencial de Análise	24
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	26
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS	35

RESUMO

A expectativa de todos os pais, que acreditam numa ordem natural da vida, é que serão os próprios filhos aqueles providenciar-lhes-ão os rituais funerários, quando a ocasião chegar. Nenhum pai ou mãe está preparado para a possibilidade de terem que enterrar um filho e, quando isso acontece, é um evento altamente traumático e desorganizador, com desdobramentos em diversas áreas da dinâmica psíquica do indivíduo e da família. A perda de um filho, sobretudo criança, coloca em jogo uma série de mecanismos intrapsíquicos do indivíduo, numa tentativa de visando reelaborar e ressignificar o vazio representado por esta ausência. Assim, este estudo tem como objetivo identificar as possíveis dificuldades enfrentadas pelos pais em decorrência do processo de elaboração de um luto pela perda de um filho. Para isso, os objetivos específicos referem-se à caracterização das representações de um filho para os pais; à apresentação dos principais aspectos relacionados ao processo do luto e sua influência sobre o relacionamento entre o casal; e à identificação de possíveis diferenças entre o processo de luto materno e o de luto paterno. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, exploratória e interpretativa, construída a partir da análise de um artefato cultural, o curta-metragem "Se algo acontecer... te amo!", de Grovier e McCormack, disponível em plataformas digitais, que retrata as dificuldades enfrentadas por um casal diante da perda da única filha, com 10 anos de idade, assassinada em um massacre na escola. Foram escolhidos alguns recortes que ilustram as circunstâncias de luto vivenciadas pelos pais, bem como algumas cenas que apontam para um cotidiano anterior, marcado pelas boas expectativas que os pais nutriam em relação à filha, antes do fato traumático. Os resultados apontaram que o luto pela perda de um filho interfere não apenas no cotidiano das famílias, mas afeta diretamente nas representações intrapsíquicas dos pais e as relações afetivas entre o casal. A ruptura do vínculo em decorrência da perda de um filho desencadeia um processo de elaboração do luto e movem representações psíquicas bem mais primitivas dos pais, podendo ser sentida como um golpe narcísico. Também foi possível perceber que, devido às expectativas impostas pelos papéis sociais, ocorre uma diferença entre o processo de luto materno e o de luto paterno, muitas vezes identificado pela tendência da figura paterna em conter e manter escondidos os próprios sentimentos, mantendo-se firmes para poder apoiar as figuras maternas neste processo.

Palavras-chave: Processo de luto. Luto materno. Luto paterno. Ressignificação do luto.

1. INTRODUÇÃO

A maior parte dos pais acredita que serão os filhos aqueles que irão promover-lhes os ritos funerários quando eles mesmos falecerem, de acordo com o que acreditam ser a ordem natural da vida. Entretanto – e apesar de quase todas as pessoas acreditarem nesta afirmação – nem sempre os eventos da vida seguem neste sentido. Fatores diversos podem frustrar essa expectativa, e ainda que grande parte das pessoas tenham conhecimento de diversos exemplos, em que a perda de um filho contraria o desejo dos pais, fato é que nem se pensa que isso possa acontecer, sobretudo relacionado ao fato de perder um filho ainda na infância.

Mas, e quando acontece? Como os pais lidam com o luto? Quais os sentimentos, pensamentos e ideias que surgem neste processo de elaboração do luto pela perda de um filho? Assim, este estudo tem como problema de pesquisa: quais as possíveis dificuldades enfrentadas pelos pais no processo de elaboração do luto pela perda de um filho?

O surgimento do desejo da autora de investigar este tema pode ser dividido em dois momentos: o primeiro, relacionado às experiências da autora ao presenciar o processo de luto vivenciado por algumas amigas que perderam filhos na infância e; num segundo momento, ao longo de seu percurso acadêmico, sobretudo no contato com disciplinas relacionada às famílias na contemporaneidade, princípios da entrevista psicológica, psicoterapia sistêmica, psicoterapia analítica e projeto de vida e carreira. Assim, instigada e desejosa de conhecer mais sobre o tema, esta pesquisa se justifica pelo propósito, sempre pertinente, de se investigar como o luto é vivenciado na sociedade pelos pais que tiveram que lidar com a perda de seus filhos, sobretudo quando essa perda ocorre ainda na primeira infância. Busca-se identificar os processos psicológicos que eles vivenciam; as dificuldades desses pais e mães enlutados em elaborar a perda e, por último; as interferências e os efeitos psicológicos da morte de um filho, sobretudo quando ainda crianças, no relacionamento amoroso entre os pais. Com esses propósitos, essa pesquisa visa contribuir para maiores esclarecimentos e produção científica sobre o tema.

Levando-se em consideração que o processo de luto é universal e que nenhum pai ou mãe está isento da possibilidade de ter que lidar com a perda de um filho, torna-se relevante buscar uma elucidação dos processos que podem afetar o equilíbrio familiar, levando os seus membros a utilizar mecanismos de defesa temporários para lidar com a dor psicológica diante da perda (Bernardino, 2011).

Assim sendo, e já estabelecido o interesse em aprofundar os estudos e conhecimentos relacionados ao tema proposto por esta pesquisa, tem-se como relevante alinhar os objetivos deste estudo e o levantamento de produções científicas que possam contribuir para se atingir esses objetivos propostos. Portanto, o problema de pesquisa do presente estudo refere-se a: Quais as possíveis dificuldades enfrentadas pelos pais no processo de elaboração do luto pela perda de um filho?

2. OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL

Identificar possíveis dificuldades enfrentadas pelos pais no processo de elaboração do luto pela perda de um filho.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Caracterizar as representações/percepções de um filho para os seus pais;

Apresentar os principais aspectos relacionados ao processo de luto pela perda de um filho, a partir da perspectiva dos pais e sua influência no relacionamento amoroso entre eles;

Descrever possíveis diferenças no processo de luto materno e no processo de luto paterno, bem como suas implicações no processo de elaboração da perda.

3. REVISÃO DE LITERATURA

Diante de um momento tão traumático para a família quanto a perda de um filho, sobretudo quando esta acontece ainda na primeira infância, vários sentimentos, afetos, pensamentos e comportamentos são suscitados para lidar com a dor, numa tentativa de elaboração do luto e de reestruturação da dinâmica familiar. Neste processo, pode ocorrer uma intensa negação da realidade e fuga por meio da fantasia ou da adoção de certos comportamentos para evitar ter que lidar com a dor. Alguns sentem raiva - nesta fase, a dor mental de lidar com a morte pode tornar-se agressão e resistência, pois toda a dinâmica familiar é interrompida pela morte (Bouteiller, Maranhão & Mello, 2017).

Assim, visando organizar a produção científica de acordo com aspectos específicos relacionados à morte de um filho, o processo de luto e a elaboração da perda pelos pais, esta revisão de literatura foi dividida em cinco tópicos, focando alguns aspectos relevantes para o tema, à luz da psicologia sistêmica e do saber psicanalítico. No primeiro e segundo tópicos, buscou-se identificar a percepção dos pais acerca da perda de um filho e a forma como a questão do luto é simbolizada na cultura. No terceiro tópico, este estudo abordou a questão do luto e seus processos de elaboração, diferenciando entre questões normativas e patológicas. Os dois últimos tópicos foram dedicados à abordagem do luto vivenciada na maternidade e o luto a partir da perspectiva paterna.

3.1 Percepções dos pais acerca dos filhos

De acordo com Alves-Silva e Scorsolini-Comin (2019), a transmissão psíquica - um conceito que tem sido bastante considerado na literatura psicodinâmica e sistêmica - pode ser entendida como um processo que não apenas inscreve o sujeito no mundo e na linguagem particular da família, como também auxilia na compreensão de algumas dinâmicas e processos de adoecimentos psíquicos que podem ser detectados em diferentes gerações familiares. Esta “transmissão” ocorre mediante a perpetuação de sintomas que são compartilhados entre diferentes membros do grupo familiar, colocando-os em uma circunstância de predisposição ao adoecimento psíquico.

Aponta-se a família como um lugar que torna o adoecimento possível quando a dinâmica familiar apresenta vulnerabilidade para absorver elementos da história

geracional que expõem a saúde do grupo a desinvestimentos libidinais contínuos dos vínculos e ao não reconhecimento da alteridade dos membros da família, caracterizando então a doença como a ligação entre a família e essa história herdada, transmitida ao longo das gerações. (Alves-Silva & Scorsolini-Comin, 2019, p. 25)

Para Baltazar e Moretti (2020), a família é definida como a estrutura social básica com dramatização diferenciada e se desenvolve mediante pessoas que convivem por longos períodos de tempo em interconexões culturais e sociais. A família representa, para os filhos, uma necessidade de limitar sua condição narcísica e transformá-los em adultos capazes, sendo o objetivo principal da família proteger a sua integridade física. Assim, as funções básicas da família podem ser resumidas em duas: ensinar e aprender.

As relações que os pais constroem com seus filhos são fundamentais para o seu desenvolvimento, pois é nessa relação que as identidades são formadas. Neste sentido, o papel da família é auxiliar a criança a desenvolver habilidades e estratégias necessárias para crescer e viver de forma saudável na sociedade (Kusiak, Mello & Andretta, 2019). As práticas parentais são, de acordo com os autores, estratégias que os pais utilizam para lidar com situações cotidianas. E será o conjunto dessas estratégias que definirá o estilo parental empregado. Esse estilo é um modo de interação e comunicação familiar, definindo-os em três modos: autoritário, permissivo e autoritativo.

Segundo Madeira (2018), a relação entre o estilo parental e o comportamento tem sido objeto de investigação desde a década de 1990. A parentalidade pode ser definida como um conjunto de atitudes, objetivos e padrões parentais. Este conceito está associado a benefícios e prejuízos à saúde mental das crianças, sendo que certos padrões comportamentais e estilos parentais disfuncionais podem se desenvolver a partir da vulnerabilidade de alguns membros da família - principalmente na saúde mental dos mais jovens - e podem refletir na dinâmica familiar.

Assim, os processos de doença podem ser observados a partir de certos eventos, como a sua repetição ao longo das gerações e as maneiras pelas quais esses processos podem ser mantidos em segredo, chegando a mobilizar espiritualmente famílias multigeracionais. Desta forma, importante identificar a transmissão psicológica que se desenvolve a partir do processo saúde-doença, contribuindo para a compreensão do que é transmitido entre as gerações nas famílias (Alves-Silva & Scorsolini-Comin, 2019).

Se a transmissão psíquica pode ser a forma pela qual os membros familiares tornam-se suscetíveis à doença. Assim, quando a dinâmica familiar apresenta vulnerabilidades à assimilação de elementos da história intergeracional, este fato coloca em risco a saúde de todo o grupo familiar, que fica suscetível a investimentos contínuos no vínculo libidinal e ao não reconhecimento das diferenças entre os seus membros, numa ligação histórica e geneticamente passada de geração em geração (Alves-Silva & Scorsolini-Comin, 2019).

A partir dessas considerações, o funcionamento da família pode ser entendido a partir de duas perspectivas: a primeira, pela repetição de eventos que trazem os membros de volta às fantasias de doenças anteriores na história do grupo familiar e, a segunda, renovando a dor, mediante símbolos e perdas, fazendo com que o caminho da doença seja cada vez mais reforçado dentro da dinâmica familiar. Ambas as perspectivas têm sido exploradas teoricamente no campo da psicologia, embora tais estudos sejam apresentados de forma não sistemática, relacionados mais ao enquadramento das perspectivas psicodinâmicas e sistêmicas, bem como em estudos de casos, deixando pouco espaço para uma discussão mais detalhada no campo da saúde-doença (Alves-Silva & Scorsolini-Comin, 2019).

A falta de habilidades sociais educativas e o uso de práticas parentais autoritárias ou sem amor, contenção e inflexibilidade aumentam o risco de crianças e adolescentes desenvolverem agressividade, impulsividade e retraimento. Por outro lado, a empatia pode ser vista como um fator que desempenha um papel importante na aproximação e promoção do sentimento de segurança e no desenvolvimento de habilidades de interação social, promovendo cuidados e atitudes que atendam aos interesses do outro, afetando, assim, de forma positiva a saúde mental, além disso, comportamento agressivo (Kusiak *et al.*, 2019).

Pereira *et al.* (2017) exploram o tema das influências do grupo familiar sobre a saúde mental das crianças, destacando que logo após o seu nascimento, a criança ainda não sabe o que fazer e o que não fazer; ela ainda não desenvolveu a consciência moral, tampouco sabe distinguir o certo e o errado. Nesta fase, tudo o que ela aprende é ensinado pelos membros do grupo familiar. Já Magnani e Staudt (2018) enfatizam que os estilos parentais são construtos importantes para se pensar as relações pais-filhos, como elas são estabelecidas e o impacto dessas interações nas crianças. Os autores buscaram compreender como se dão estas interações, inclusive investigando como o clima emocional estabelecido na relação e a troca de regras e restrições afetam os traços comportamentais e os valores das crianças, pois é através da parentalidade que pais e cuidadores transmitem suas crenças, valores e culturas.

A forma como a parentalidade é compreendida e vivenciada entre pais e filhos, segundo Pereira *et al.* (2017), além de estar diretamente relacionada às personalidades dos pais e cuidadores e suas referências parentais durante a infância, também varia muito de acordo com o ambiente social e cultural em que as famílias se inserem. Além disso, os autores ressaltam que os cuidadores não intervêm no comportamento das crianças da mesma forma, pois cada criança e adolescente é único, levando à presença de regulação emocional individual. Portanto, os pais devem entender a perspectiva dos filhos, e criar melhores interações, identificando suas necessidades e ajudando-os a atendê-las. Isso cria um vínculo mais forte entre pais e filho, proporcionando um ambiente propício ao diálogo, fundamental à saúde mental e regulação emocional dos filhos (Kusiak *et al.*, 2019).

A concepção freudiana de narcisismo é fundamental para que se possa compreender a percepção dos pais acerca dos próprios filhos. Alves e Paraboni (2020) destacam que Freud (1914) concebeu a unidade psíquica do ego como um processo em construção e, para o autor, haveria, desde o início, uma separação entre as pulsões sexuais e as pulsões do ego. Neste sentido, a ideia de imortalidade, acalentada pelos pais mediante a fantasia de que sobreviveram à morte através dos próprios filhos, estaria diretamente ligada ao conceito de narcisismo.

[...] Se prestarmos atenção à atitude de pais afetuosa para com os filhos, temos de reconhecer que ela é uma revivescência e reprodução de seu próprio narcisismo que de há muito abandonaram.[...] Assim, eles se acham sob a compulsão de atribuir todas as perfeições ao filho - o que uma observação sóbria não permitiria - e de ocultar e esquecer todas as deficiências dele. [...] Além disso, sentem-se inclinados a suspender, em favor da criança, o funcionamento de todas as aquisições culturais que seu próprio narcisismo foi forçado a respeitar [...] A criança terá mais divertimentos que seus pais; ela não ficará sujeita às necessidades que eles reconheceram como supremas na vida. A doença, a morte, a renúncia ao prazer, restrições à sua vontade própria não a atingirão; as leis da natureza e da sociedade serão ab-rogadas em seu favor. [...] No ponto mais sensível do sistema narcisista, a imortalidade do ego, tão oprimida pela realidade, a segurança é alcançada por meio do refúgio na criança. O amor dos pais, tão comovedor e no fundo tão infantil, nada mais é senão o narcisismo dos pais renascido, o qual, transformado em amor objetal, inequivocamente revela sua natureza anterior. (Freud, 1914/1976, pp. 107-108).

Da mesma maneira, Zanetti e Gomes (2011) compreendem a “fragilização das funções parentais” a partir da perspectiva narcisista dos pais, que projetam em seus filhos seus próprios desejos e anseios, bem como suas próprias frustrações, impossibilitando a emergência de sua plena subjetividade. As autoras sustentam que, somente quando os pais não se encontram plenamente mergulhados em suas próprias projeções narcísicas, é possível falar num processo saudável de educação familiar, em que a primazia do diálogo com a criança não seja utilizada como fonte para encobrir dificuldades na tarefa de se frustrar o filho.

Roque e Esteves (2009) sustentam que a morte de um filho é sentida pelos pais como "se perdessem um pedaço de si mesmo, a esperança e a perspectiva de um futuro, a função cuidadora e a sua própria identidade, na medida em que um filho representa a continuidade dos pais, a sua imortalidade" (Roque & Esteves, 2009, p. 630). Também Reis (2017) e Reis *et al.* (2021) sustentam esta representação de um filho não apenas como continuidade do próprio narcisismo dos pais, mas também como garantia do grupo familiar por gerações. Sendo assim, a morte de uma criança representa um abalo na própria identidade dos pais, mesma postura sustentada por Battikha *et al.* (2007) cujos estudos apontam que o "reconhecer-se no filho sustenta a fantasia dos pais de continuidade e de imortalidade" (Battikha *et al.*, 2007, p. 18).

A fissura narcísica que se abre diz respeito à dificuldade dos pais de lidarem com a finitude daquilo que representava o mais alto grau de sua perfeição, ou seja, com o real da morte, o limite de sua onipotência frente a ela. Os filhos, enquanto objetos narcísicos e representantes dos sonhos e idealizações dos pais, ao morrerem, levam junto parte da própria identidade dos pais, o que exige um árduo trabalho psíquico que busque cicatrizar e atribuir sentido a esse ferimento narcísico. Tendo em vista a importância dos aspectos psíquicos e ao buscar compreender as forças exercidas por diferentes vértices, cabe reiterar que o luto também é atravessado pelos fatores sociais. (Reis *et al.*, 2021, p. 11)

Também, Zornig (2010) se alinha a essa visão de parentalidade em construção, um processo que, de acordo com a autora, surgiu na escola francesa de psicanálise para designar a construção da relação entre pais e filhos. Zornig (2010) sustenta que, neste processo, o “tornar-se pai” e o “tornar-se mãe” é um processo que antecede ao filho real, tendo início,

ainda, no filho idealizado pelo desejo dos pais. A partir do nascimento, ocorre o estabelecimento de laços entre pais e o filho real, imprescindível para o desenvolvimento psicoemocional e cognitivo do bebê, porém, também suscitam questionamentos nos pais acerca do papel que estão desempenhando, se eles realmente têm desempenhado o papel de “pais suficientemente bons” ou não.

A autora também destaca a importância da história cultural e familiar ao se abordar a questão da família, criticando os estudos mais recentes, nos quais a questão da parentalidade revela um descompasso entre os velhos e novos modelos de casais. Esta dificuldade é revelada sobretudo na falta de reconhecimento da importância das gerações anteriores e no desconhecimento acerca dos avanços no campo da neurociência, que revelaram que os bebês têm um papel bem mais ativo em suas interações com o ambiente do que se supunha.

3.2 Interferências do Processo de Simbolização do Luto pela Cultura

A forma como as diferentes culturas têm lidado com a morte e suas significações ao longo da história variam de cultura para cultura, sobretudo quando comparadas temporalmente. Além disso, a forma como a cultura oriental e a ocidental lidam com a morte têm relação direta com a forma como os povos desenvolveram sua espiritualidade. Entretanto, acerca das diferenças culturais, Caputo (2008) destaca que a morte sempre suscitou um medo devido ao seu caráter de incertezas quando ao desconhecido e, por esse motivo, a humanidade sempre buscou, em todas as épocas, compreender a morte e diminuir a angústia diante do inevitável destino a que todas as pessoas estão destinadas. A forma como as sociedades lidam com as questões relacionadas à morte tem, segundo a autora, um papel de grande relevância na sua formação cultural.

Também os rituais de despedida dos mortos sofreram modificações no decorrer da história, bem como as práticas funerárias adotadas pelos diferentes povos no passado, revelando a importância e o papel desempenhado pela espiritualidade em todas as épocas, sobretudo no tocante à forma de se conceber a morte e o processo de luto dos familiares. No início da Idade Média, por exemplo, não era incomum que os amigos e familiares do morto demonstrassem a sua dor mediante grandes manifestações de dor e luto, com rompantes de violência e desespero. Já no final da Idade Média, as manifestações deixaram de ser tão ruidosas, e o descontrole emocional passou a ser visto com algo a ser evitado e contido. Na Idade Moderna, sobretudo a partir do séc. XVIII, a morte passa a ser vista como um momento

de ruptura, e no séc. XIX o processo de luto passa a ser ressignificado, com as pessoas tendo mais dificuldade em aceitar a morte do outro. A partir do século XX, a morte deixa de significar um evento familiar e passa a ocorrer no hospital, assim como os rituais de velório do morto, que deixaram de ser realizados na residência da família e passou a ocorrer em locais apropriados (Caputo, 2008).

Kübler-Ross (2005) afirma que a morte de crianças era frequente na antiguidade, principalmente devido a epidemias e falta de recursos no passado, quando a medicina ainda não havia progredido. A vacinação em massa, a utilização de antibióticos e das medidas de assepsia foram fundamentais para diminuir os índices de adoecimento e de mortalidade infantil. Todos estes fatores contribuíram para uma mudança na forma como a sociedade passou a encarar a morte de crianças, provocando alterações também na forma como os pais passaram a lidar com o luto pela perda dos filhos.

Kübler-Ross (2005) afirma que a morte de crianças era frequente na antiguidade, principalmente devido a epidemias e falta de recursos no passado, quando a medicina ainda não havia progredido. A vacinação em massa, a utilização de antibióticos e das medidas de assepsia foram fundamentais para diminuir os índices de adoecimento e de mortalidade infantil. Entretanto, se a sociedade evoluiu em termos tecnológicos, por outro lado, o tabu da morte na modernidade retirou do moribundo a opção de morrer em casa cercado pelo conforto emocional de ter ao seu lado os seus familiares mais próximos. A autora pergunta: "Estamos nos tornando mais ou menos humanos?" (Kübler-Ross, 2005, p. 21). Da mesma forma, a questão que se apresenta, ao se buscar investigar o processo de luto e a forma como os pais de hoje lidam com a perda de um filho ainda na infância, é a mesma. Como, afinal, os pais de lidam com a angústia de perder um filho na infância, quando a morte já não se apresenta mais como um evento tão frequente tal como acontecia em outras épocas?

Rebelo (2017) apresenta o luto como um momento, etapa, fase e/ou processo para superar, de forma progressiva, as vivências desarmônicas provocadas pela perda de alguém significativo. Mesmo sendo um evento dito natural, que faz parte da vida humana, em regra, o desenrolar das respostas íntimas às realidades da perda está vinculado ao sofrimento físico e mental, que pode ou não se apresentar de forma severa em determinados casos. Fatores históricos e sociais interferem, até os dias atuais, na forma como os indivíduos pensam a morte e vivenciam o luto.

Décadas atrás, a morte de familiares ocorria no seio dos lares, onde o agonizante estava cercado por seus familiares e em um ambiente que proporcionava tranquilidade e

segurança às pessoas. Lá, também, era onde se realizava o velório. No entanto, no mundo contemporâneo e com o advento da hospitalização das pessoas, tornou-se comum que os indivíduos morram distante de suas casas e de suas famílias. Mesmo que aparentemente essa transformação social pareça não ser significativa, percebe-se que o entendimento da morte, pelos familiares, pode gerar transtornos diversos para a percepção do enlutado que tem dificuldades em falar sobre suas perdas, que não presenciou os últimos minutos de vida do seu familiar e, principalmente, que ficam sem saber o que falar diante de tal situação. Por isso, tende a se afastar dos demais enlutados em um processo de discrição e abandono em suas dores emocionais (Koury, 2014).

3.3 O Processo de Luto

Para a psicanálise, o processo de luto está indissociavelmente presente na dinâmica da existência humana: a vida e a morte. Cavalcanti, Samczuk e Bonfim (2013) sustentam que, em toda a obra freudiana, os conceitos de pulsão de vida (Eros) e pulsão de morte (Thanatos) demonstram o equilíbrio das forças que atuam no psiquismo e da predominância, em certas circunstâncias, de uma ou outra, para atingir algum objetivo específico. As autoras caracterizam o luto como:

[...] uma perda de um elo significativo entre uma pessoa e seu objeto, portanto um fenômeno mental natural e constante durante o desenvolvimento humano. Nesse contexto, por se tratar de um evento constante, acaba implicando diretamente no trabalho de profissionais da saúde, tornando-se um conhecimento necessário para o amparo adequado àqueles que sofrem a perda. (Cavalcanti *et al.*, 2013, p. 88).

No entanto, as autoras sustentam que a ideia de luto não está limitada única e exclusivamente à morte, mas se encontra presente nas sucessivas perdas que os indivíduos têm que enfrentar ao longo da vida, reais ou simbólicas, tais como a perda do status da infância, perda do corpo infantil, perda da juventude, perda da saúde, etc., com suas implicações psíquicas, físicas e sociais. Assim, as autoras sustentam que o conceito é bastante amplo.

Para Freud (1917/1974), o conceito de luto difere do conceito de melancolia, sendo o primeiro caracterizado por uma reação à perda, seja ela de uma pessoa ou de algo - real ou abstrato - que foi alvo de investimentos libidinais do sujeito, tais como a liberdade, a pátria, um objeto muito estimado, etc. O que vai diferenciar o sentimento de luto da melancolia, entretanto, é algo bem mais complexo, pois as mesmas perdas que podem desencadear um processo de luto em determinada pessoa, pode produzir melancolia em outra. E embora tanto o luto quanto a melancolia compartilhem certas manifestações de dor, tais como o afastamento e desinteresse por coisas que antes causavam prazer, desânimo, tristeza, busca por isolamento e diminuição na capacidade do indivíduo de sentir ou expressar amor, somente na melancolia a perturbação da autoestima, com autorrecriminações, auto envilecimento e busca por punição estão presentes, o que faz com que Freud aponte um aspecto patológico na melancolia.

Em uma frase que ficou bastante conhecida, Freud (1917/1974, p.281) descreve o processo de melancolia como "a sombra do objeto cai sobre o ego" e, com isso, o quadro depressivo resultante de uma identificação do ego com o objeto perdido. Zimmerman (2008), baseado na concepção freudiana da melancolia, apresenta quatro causas da depressão: a primeira, resultante das perdas e da ambivalência de sentimentos de ódio e amor relacionados aos objetos perdidos; a segunda, decorrente de culpas inconscientes, o que explicaria a necessidade de autopunição ; a terceira, decorrente de um fracasso narcisista e; a quarta decorrente de "uma ruptura de determinados papéis impostos à criança e que o adulto repete estereotipadamente" (Zimmerman, 2008, p. 100).

Em *Inibição, Sintoma e Angústia*, Freud (1926/1976) volta a se referir à dor como uma reação à perda de um objeto, relacionando a questão da angústia ao receio da criança, no decorrer de seu desenvolvimento psicosssexual, de perder o objeto mais valioso para ele: o falo (pênis). Cavalcanti *et al.* (2013) sustentam que diante de uma circunstância dolorosa de perda que ocorre na dimensão psíquica, Freud sustenta que a catexia que estava ligada ao objeto tende a aumentar sua firmeza. Assim,

[...] no processo de luto, a inibição de qualquer atividade que não esteja ligada ao objeto perdido e à perda de interesse no mundo externo ocorre por causa da catexia do objeto que continua a aumentar e tende, por assim dizer, a esvaziar o ego. (Cavalcanti *et al.*, 2013, p. 90)

Melanie Klein (1940) também teorizou acerca do luto relacionado às vivências infantis em suas relações objetais. Zimerman (2008) afirma que o trabalho de Klein enriqueceu os conhecimentos psicanalíticos acerca dos processos psíquicos depressivos na primeira infância, a partir da interação da criança entre os objetos internos e externos, relacionando a questão do luto ao estado denominado por ela de “maníaco-depressivo”. A partir do processo psíquico, denominada por Klein como “posição depressiva” – um doloroso trabalho de luto através do qual a criança vai integrar objetos parciais numa totalidade, passando a perceber que a mesma pessoa (normalmente a mãe) que ela investiu sua agressividade também é a pessoa que ela ama e da qual depende – é que a criança vai estabelecer relações mais concretas com a realidade que a cerca, necessárias para o seu desenvolvimento psicossocial (Cavalcanti *et al.*, 2013; Zimerman, 2008)).

Klein (1940) sustentará que a criança passará por uma fase de luto, com claros sinais depressivos, até conseguir elaborar a ambivalência e restaurar dentro de si mesma os objetos parciais bom e mau (aquele que a protege, acaricia e lhe proporciona prazer e aquele que a frustra, respectivamente) e, segundo Cavalcanti *et al.* (2013), o luto adulto, apresentado na abordagem kleiniana, refere-se a uma reativação da posição depressiva arcaica, embora com um cenário diferente, no qual ocorre uma perda real que é elaborada de forma semelhante ao já vivido na infância.

Roncatto (2019) apresenta as concepções de Bowlby (1990) acerca do luto como “uma quebra de conexão experimentada como abandono e martírio, podendo desenvolver ansiedade, isolamento, afastamento, separação e medo” (Roncatto, 2019, p. 14). Para a autora, a forma como Bowlby teoriza a elaboração do luto infantil está diretamente ligada à “desvinculação das ligações afetivas com o objeto perdido” (Roncato, 2019, p. 14). Em um outro trabalho, Bowlby (1973) divide o luto em quatro fases: a primeira é marcada pelo choque e pode, segundo Bowlby, durar horas ou semanas. A fase precedente é marcada pela alternância entre o emocional e o real, onde a criança acredita que o objeto amado irá retornar, o que o leva a adotar atitudes e crenças de que isso realmente acontecerá. Na terceira fase, ocorre a desorganização e o desespero, quando a criança finalmente percebe que o objeto de amor perdido não irá retornar. Finalmente, a última fase, a de reorganização, é marcada pela reavaliação das circunstâncias e pela constatação da realidade.

Roncatto (2019) também descreve três fases do luto, apontadas também por Barbosa (2010) e cinco fases apontadas por Kübler-Ross (2005). Para Barbosa (2010), o processo de

luto passaria por três fases distintas: a primeira é caracterizada pela sensação de choque ou negação, uma fase onde o sujeito, a princípio, busca se refugiar na descrença do fato; a segunda fase é a do desespero quando o sujeito toma consciência da perda e reage de diversas maneiras, e; a última fase, segundo o autor, é a de elaboração da perda e de reorganização psíquica.

Já Kübler-Ross (2005) aponta cinco estágios pelos quais passam os pacientes diante de um diagnóstico terminal, o que também é precedido por um processo de luto: o primeiro estágio é o da negação e de isolamento, o segundo, pela raiva, a barganha caracteriza o terceiro estágio, seguido pela depressão, no quarto e, finalmente, pelo último estágio, o da aceitação. No primeiro estágio, as reações dos pacientes expressam claramente a descrença no diagnóstico e as tentativas de encontrar uma desculpa plausível para negar o fato. Mas a maior parte dos pacientes não conseguem manter esta atitude por muito tempo, passando para o estágio seguinte, o da raiva. Neste estágio, podem aparecer sentimentos não apenas de raiva, mas também de revolta, de inveja e de ressentimento. Ainda neste estágio, a raiva pode ser projetada em diversas direções, podendo atingir a figura dos médicos e das enfermeiras, que são apontadas pelo autor como alvo frequente da raiva dos pacientes. A falta de empatia é, segundo Kübler-Ross (2005), uma fonte ainda mais intensa de mágoas e ressentimentos, mas tudo o que o paciente procura é expressar sua necessidade de extravasar sua dor. Quando o paciente chega no estágio da barganha, o que ele procura é estabelecer uma espécie de acordo com Deus, como uma criança a quem algo é negado e, após um período de revolta, tenta abordar o assunto de outra forma, apegando-se à esperança de que, enfim, seja lhe concedido uma outra oportunidade. Diante dos fatos, o próximo estágio é o da depressão, que pode ser do tipo reativa ou do tipo preparatória. No último estágio, o da aceitação, o paciente normalmente já está tão desgastado física e emocionalmente que a morte já começa a se apresentar como uma opção. É neste momento que o paciente normalmente faz um "balanço" de seu percurso existencial e pode querer falar de seus sentimentos, incluindo uma ponta de esperança, que nunca deve ser solapada com a confrontação da realidade.

3.4 O luto para a figura materna

A complexidade de elaboração do luto sequente do óbito fetal ou de recém-nascido, referido de forma genérica por Muza *et al.* (2013) de luto perinatal, termo que é experienciado pela coletividade como algo que deve ser ignorado. A sociedade opta pela rejeição e justificação, na tentativa de evitar o sofrimento. Sendo assim, as ações das pessoas em face da

notícia da perda de um bebê são identificadas e interpretadas pelos pais como desconcertantes (Muza *et al.*, 2013).

Muza *et al.* (2011) conceituam o luto como uma resposta comum e esperada quando uma ligação é quebrada, sendo sua função fornecer a restauração de recursos e possibilitar um processo de adequação às mudanças ocorridas por causa da perda. Cada modificação da etapa do ciclo de vida de uma família gera uma necessidade de adaptação e transformação nas vinculações entre os seus membros, assim, segundo os autores, nessa passagem entre as etapas a família pode também experimentar um luto por perda importante, não natural, que aparece imprevistamente, como o luto de um bebê. No tocante a esse assunto, é possível destacar que:

A morte de um filho antes do nascimento ou logo após este, rompe com a ordem natural da vida. Como também, interrompe com os sonhos, as esperanças, as expectativas e as esperas existenciais que normalmente são depositadas na criança que está por vir (Muza *et al.*, 2011, p.3).

A mulher grávida prepara-se para a espera do bebê, um ser desejado. E essa mulher, uma futura mãe, passa por mudanças, tanto físicas como emocionais: vive um período de grande expectativa da chegada do bebê em seu convívio. Segundo Valente e Lopes (2011), estar grávida exige esforços, tanto físicos quanto emocionais, que delineiam mudanças corporais, hormonais e metabólicas, bem como as psicológicas, na interpretação de que o período gravídico é conflituoso e ambivalente, já que faz ressurgir algumas das vivências mais precoces da vida de uma mulher. É no apontamento destas mudanças, que exigem equilíbrio físico e psicológico da gestante, que as autoras diferenciam o “estar grávida” do “ser mãe”; as mudanças no olhar, que de predominante voltadas para a gestação se voltam para a maternidade, partem de um desejo de ter um filho e vivenciar todo este momento na expectativa de recebê-lo (Valente & Lopes, 2011).

Os ciclos pelos quais passam as mulheres ao engravidarem marcam as mudanças e preparam-nas para as transições existenciais que irão acontecer, pois não apenas as modificações corporais ocorrem no corpo feminino, mas nas maneiras de ser mulher (que se relacionam diretamente com o aspecto corporal de existência) e, por conseguinte, de se

relacionar com o seu acompanhante ou cônjuge, e mesmo com outras pessoas (Valente & Lopes, 2011).

O período de gravidez é diferente de uma mulher para outra, assim como suas vivências emocionais e envolvimento no processo de mudanças, adequações, desejos, escolhas e renúncias que, muitas vezes, são necessárias. Assim, o corpo da futura mamãe concentra-se no desenvolvimento desse novo ser e espera-se que ele seja um bebê saudável. Porém, a morte do bebê, ainda em seu ventre, produz um desconforto psíquico e desencadeia um trabalho de luto por essa mãe que estava sendo construída. Para Freitas (2000), ao perder o bebê desejado, a mãe, muitas vezes, encontra-se num espaço vazio de sua vida, em que falta-lhe o sentido para sobreviver; a fragilidade da situação é agravada pela impossibilidade de significação. O trabalho de luto, segundo o autor, exige dessa mulher um esforço muito grande para que possa resgatar as partes perdidas de seu ego, projetadas no objeto de amor perdido: o seu bebê.

O processo de luto, entretanto, já havia sido iniciado durante a própria gravidez, isto é, a mulher passa por muitas perdas, dentre elas, a perda de seu status de “filha” para se tornar “mãe”. Além disso, no que concerne à vida conjugal, até o momento da gravidez, eram apenas dois. Assim, com a descoberta da gravidez, perde-se, também, a relação à dois. Surge então, para a mãe, uma nova posição social: a posição materna. Assim, Freitas (2000) aponta na circunstância do aborto, um luto materno que se traduz pelo sofrimento de uma perda. Ao se deparar com a ausência, muitas vezes o luto se desenvolve como uma perda narcísica, um momento de melancolia e de perda de autoestima, ainda que temporária.

Conforme já citado anteriormente, a teoria freudiana sustenta que há uma perda de um objeto amado também na melancolia, embora a perda, neste caso, seja distinta daquela encontrada no luto. Falando em outros termos, o indivíduo melancólico desconhece o que perdeu de fato no objeto e reage como se tivesse perdido o próprio ego, daí a falta de interesse por si próprio. Assim, tanto na melancolia quanto no luto ocorre uma reação diante da perda do objeto amado, entretanto, no luto admite-se que, após a elaboração, o indivíduo se recupere e reinveste suas catexias libidinais em outros objetos, o que nem sempre acontece na melancolia. Alinhado a esse aspecto, Kaufmann (1996) descreve o luto como um estado de inércia libidinal, ou seja, a libido não se move em direção a nenhum outro objeto. Freud acreditava que a libido, no processo de luto, era retirada do objeto e levaria certo tempo até que fosse ligada novamente a outros objetos.

Também Badinter (1985) contribui significativamente na compreensão do processo de luto dos pais pela perda de um filho ao longo dos séculos. Para a autora, a morte de um filho deixa uma marca indelével no coração da mãe. Mesmo uma mãe que perdeu um feto prematuramente, retém na memória a lembrança daquele filho perdido. Toda mulher se lembra daquele dia como uma perda irreparável. O fato de poder engravidar novamente e ter outros filhos não desfaz a memória daquele que ela perdeu. E esse fato não implica, para a autora, numa manifestação patológica de luto.

Mas a autora também desconstrói o caráter natural da maternidade, atribuído socialmente a todas as mulheres, pois, segundo ela, o amor materno é um construto sociocultural e não um sentimento inato. Ele é construído no dia a dia, mediante a convivência entre a mãe e o seu filho. Badinter (1985) sustenta que a sociedade atribui às mulheres um ideal de mãe que não se sustenta senão como uma necessidade da própria sociedade. Assim, quando uma mãe expressa um sentimento de culpa pela perda da gravidez, há de se pensar o que de fato há por trás desse sentimento, sobretudo quando o sentimento de culpa é abordado na psicanálise como expressão de um desejo recalcado.

A clínica psicanalítica deve acolher a dor de uma mãe em processo de luto, fazer com que ela se sinta acolhida e permitir que ela expresse seus desejos. Ao procurar uma clínica, uma mãe que perdeu um filho, real ou simbólico, precisa encontrar um ambiente acolhedor em que a sua dor possa ser escutada sem julgamentos (Freud, 1911/1976; Bernardino, 2011). Já Violante (1995) sustenta que os sujeitos que se apresentam como melancólicos podem ter sido diminuídos narcisicamente, a começar pela própria mãe, por não corresponderem à fantasia e aos atributos do outro.

O processo de simbolizar e superar a perda pode levar tempo, e encontrar um novo caminho para o desejo não se faz sem um certo grau de sofrimento. Para buscar novos objetos de amor nos quais investir a energia libidinal, o sujeito aí colocado necessita desinvestir suas energias e este não é um processo fácil, pois deve encontrar um substituto e resolver as fantasias conscientes e inconscientes que surgem em decorrência da perda do objeto. Diante disso, o processo de luto é um redirecionamento das fantasias e defesas mentais que exigem um novo equilíbrio. Isso evidencia a complexidade da tarefa do luto, detalhada diante da perda, pois o vínculo entre mãe e filho é rompido e precisa ser reelaborado (Campos, 2013).

3.5 O luto para a figura paterna

Muza *et al.* (2011) afirmam que o processo de luto pela perda de um filho também é bastante doloroso para os pais, e que este processo é vivenciado de forma diferente do luto materno, ainda que ambos, pai e mãe, vivenciem a mesma eventualidade. A expressão do luto paterno tem sido, segundo Machado (2018), muito pouco explorada na literatura científica sobre o tema. O autor aponta os estudos de Del Priori (2013) sobre a configuração familiar brasileira, que coloca na figura do pai a representação do patriarcado que figurou no Brasil durante tanto tempo e que, ainda hoje, figura, muitas vezes, como autoridade central coercitiva e como figura provedora da família.

Machado (2018) sustenta que os papéis sociais desempenhados pelos pais no contexto familiar estão bastante atrelados ao referencial de virilidade socialmente difundido, inclusive na obra freudiana. Quando Freud (1921/2011) afirma que toda psicologia individual é social, as vivências subjetivas passam a ser analisadas, segundo Machado (2018) a partir de um referencial mediado “pela figura do Outro social que não é, portanto, natural e imutável, mas, ao contrário, plástico e dependente de flutuações de campos vários que não o da singularidade” (Machado, 2018, p. 28).

Maués (2021), por sua vez, afirma que, se existem poucos estudos sobre o tema do luto, quando a perspectiva da questão abordada se refere ao mundo masculino, relacionada ao luto vivenciado pelos homens/pais pela perda de um filho ou filha na primeira infância, a questão da escassez é ainda mais significativa: “[...] a ausência de artigos nacionais dedicados especificamente ao tema nos últimos dez anos indica a existência de uma lacuna de conhecimento nesse campo, evidenciando a importância da realização de novas investigações” (Maués, 2021, p. 16).

Maués (2021) destaca que as construções sociais do universo masculino se encontram associadas às da paternidade, entretanto, as transformações nos modos de ser do homem e pai têm se mostrado mais expressivas na atualidade, ainda que o modelo tradicional predomine em muitas instâncias. Mesmo os movimentos que visam promover mudanças em direção a novas formas de expressão da masculinidade e da paternidade, encontram dificuldades de inserção social, sobretudo na América Latina. Esta questão fica bastante evidente nas pesquisas que destacam a falta de registro paterno nas certidões de nascimento de muitos cidadãos e a forma como a sociedade lida com a questão da licença maternidade e paternidade, deixando claro a visão da figura paterna como associada diretamente ao dever de prover economicamente a família. No entanto, a realidade muda tanto para as mulheres quanto para os homens, quando o filho nasce.

De acordo com Arruda e Lima (2013), a atual ordem social e econômica impulsionou a parceria entre mães e pais nos cuidados com as crianças, mostrando-se cada vez mais necessária. Com isso, os homens passaram a redefinir o significado do "ser pai", inclusive atuando mais incisivamente na educação dos filhos. Mas os autores alertam para o fato de que, ainda assim, não se pode afirmar que a participação masculina tem sido igualitária, pois a mesma sociedade que cobra dos pais uma postura mais participativa, é a mesma que critica e o discrimina diante de algumas necessidades da criança, normalmente delegadas socialmente ao papel da mãe. Isso se torna bastante evidente quando se observa a questão da regulamentação de guarda nas varas de família.

No caso do luto pela perda de um filho, normalmente o papel adotado pelos homens é o de suporte às mães. Teixeira (2020) sustenta que, no contexto clínico, é comum ouvir frases do tipo "eu precisava mostrar ser forte para ampará-la" e, muitas vezes, quando os pais resolvem buscar apoio especializado, eles o fazem no intuito de conseguir lidar com sua própria dor, mesmo que silenciando-a, para poder ajudar suas esposas a lidar com a delas. A falta de empatia social com os sentimentos masculinos em decorrência das perdas aponta para uma cobrança social que impõe aos homens um embrutecimento emocional, que permita continuar realizando as suas atividades sociais, a despeito da dor que insiste em continuar, apesar das aparências.

Cabe avaliar caso a caso a fim de identificar qual a forma em que ele pode estar expressando seu luto, seja realizando um trabalho manual, criando um ritual de despedida, seja adotando comportamentos de risco – abuso de substâncias psicoativas –, seja somatizando. É compreensivo que as pessoas possam demonstrar seu sofrimento por diversas vias. (Teixeira, 2020, p. 38)

Nos estudos de Machado (2019), com um grupo de ajuda a pessoas enlutadas, o autor compara as diferenças entre a expressão do sofrimento pelas mulheres e, por outro lado, aquela manifestada pelos homens, destacando a desproporcionalidade nas posições de fala, "majoritariamente reservadas às mulheres que na condição de viúvas e de mães enlutadas, declaram abertamente suas dores e nisso se tornam espécies de porta-vozes da experiência do luto" (Machado, 2019, p. 114). O autor também defende que os discursos que circulam no grupo, e que são de certa forma confirmados pela produção acadêmica, acabam por reduzir a

questão da experiência do luto como um atributo quase que exclusivamente relacionado ao universo feminino. Ao buscar abrir o espaço para a escuta da dor decorrente do luto paterno, o que o autor afirma encontrar são expressões de como os laços entre pais e filhos foram estabelecidos, assim como os atributos relacionados à manutenção das próprias identidades enquanto pais, marcadas pelas expressões de sofrimento de cunho claramente narcisista. Machado ainda destaca que os assuntos eleitos pelos pais como representações de sua dor estão relacionados às suas preocupações como pilar material e emocional da entidade familiar.

4. MÉTODO

4.1 Delineamento

O presente estudo se caracteriza como uma pesquisa qualitativa, do tipo exploratória e interpretativa. De acordo com Gil (2012), trata-se de uma pesquisa construída a partir da revisão de livros e artigos científicos publicados, permitindo que o investigador explore uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar em outras metodologias.

A revisão de literatura foi realizada a partir de artigos publicados em plataformas digitais como Pepsic – Periódicos Eletrônicos em Psicologia, o Google Acadêmico e a Scielo – Scientific Electronic Library Online. Os descritores utilizados foram: “luto e psicanálise”, “luto materno”, “luto paterno” e “perda de um filho e psicanálise”. Os artigos foram selecionados de acordo com os objetivos desta pesquisa, priorizando artigos mais recentes disponibilizados.

A seleção dos artigos aconteceu em três momentos específicos: a primeira através da identificação dos descritores e título. Num segundo momento, foi realizada a leitura dos resumos de cada obra buscando identificar a melhor adequação aos objetivos propostos e, no terceiro momento, foi realizada a leitura integral. Uma vez composta a revisão de literatura, o curta metragem foi assistido várias vezes, buscando delinear recortes que pudessem ser agrupados para formar categorias de análise.

Em relação ao tipo exploratória, Gil (2012) destaca que proporciona uma maior familiaridade com o problema (explicitá-lo) e pode envolver levantamento bibliográfico, e entrevistas com pessoas experientes relacionadas ao problema pesquisado. Geralmente, assume a forma de pesquisa bibliográfica ou estudo de caso.

De acordo com Creswell (2007), a pesquisa qualitativa é uma pesquisa interpretativa, na medida em que o pesquisador se envolve na experiência ao analisar e interpretar os dados, tirando conclusões baseadas em uma "lente" que não deixa de ser pessoal e influenciada pelo momento histórico e sociopolítico. Este fato, introduz um "leque de questões estratégicas, éticas e pessoais no processo de pesquisa qualitativa" (Creswell, 2007, p. 188) no qual o investigador deixa bastante claro seu viés, valores e interesses pessoais no processo de investigação.

4.2 Fontes

Artefato cultural: “*Se algo acontecer... te amo!*”

Trata-se de um curta-metragem (*If anything happens I love you*) de 12 minutos, dirigido por Michael Govier e Will McCormack (2020) e disponibilizado em plataformas digitais como a Netflix, que narra uma tragédia familiar vivenciada por um casal heterossexual que tenta reestabelecer a conexão de casal, perdida com a morte da filha. No curta, os diretores utilizam todos os recursos cinematográficos disponíveis para promover um diálogo onde as palavras não são possíveis. Mais ainda: onde a expressão dos sentimentos é intraduzível em palavras por representar uma dor tão intensa que provoca o vazio e o isolamento dos personagens, enclausurados em si mesmos. O casal em questão passa a vivenciar cada um à sua maneira a dor da perda, amargando solitariamente suas implicações e significações, até conseguirem ressignificar a experiência e, através do amor, seguirem a vida.

O curta metragem confere ao telespectador uma reflexão profunda sobre o quão danoso pode ser para um casal a morte de um filho. Essa obra cinematográfica servirá como embasamento para a constituição deste trabalho científico

4.3 Procedimentos

Foram utilizados como fontes de pesquisa, artigos científicos que abordam o tema do luto materno e paterno e a questão do luto na visão psicanalítica. A obra de Sigmund Freud e demais autores da abordagem psicanalítica foram prioritariamente utilizados.

Em relação ao artefato cultural, foram destacadas algumas cenas e, posteriormente, estes recortes foram definidos e agrupados como categorias analíticas.

4.4 Referencial de Análise

A partir da problematização apresentada, considera-se pertinente a realização de uma análise de conteúdo proposta por Laville e Dionne (1999). Para tanto, foi realizada em 2 etapas. Num primeiro momento, houve um estudo detalhado de seu conteúdo, buscando seu significado, captando sua intenção, comparando, avaliando, identificando sua essência e realizando escolhas em torno dela. Este é o princípio da análise de conteúdo que consiste em

desmontar a estrutura e os elementos desse conteúdo para elucidar suas diferentes características e extrair seu significado.

Conforme relatado no subtópico anterior, foram realizados recortes de trechos, agrupados e definidos a partir dos títulos sob os quais foram organizados os elementos de conteúdos agrupados por parentesco de significado. Segundo Laville e Dionne (1999), as categorias de análise foram definidas a posteriori e seguindo o modelo aberto. Também foi utilizada a estratégia de emparelhamento para a discussão das categorias analíticas.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para que fosse possível utilizar o artefato cultural como fonte de reflexão acerca do processo de luto dos pais devido à perda de um filho, foram realizados alguns recortes significativos, destacando nas cenas os eventos almejados nos objetivos que foram estabelecidos:

TABELA 1 – Categorias e Cenas Selecionadas do Artefato Cultural

CATEGORIAS	CENAS RECORTADAS
A) A representação da filha para seus pais	<p>1. Enquanto rememoram o passado, aparece, no painel do carro, uma foto do casal na maternidade, com uma bebê no colo da mãe. A fotografia se torna uma cena, mostrando a menina ainda bebê, chorando e sendo acalentada pela mãe e pelo pai. A cena é observada pelas sombras felizes. Uma série de estrelas descem do céu e iluminam o céu de uma cidade, que fica toda púrpura. Há bastante cor na cena, ao contrário do início do curta.</p> <p>2. A menina agora é maior e usa a camiseta com o número dez e uma chuteira, colocando o pé sobre a bola, sendo observada pela mãe, ao longe, que cuida do canteiro. A menina está jogando bola com o pai. Ela chuta a bola que acerta a parede e faz cair uma parte do reboco.</p> <p>3. A cena agora é uma festa de aniversário. Na mesa, um bolo com vela de 10 anos de idade. A menina está prestes a soprar as velas e um menino de sardas e óculos aparece por detrás de um presente. Eles sorriem um para o outro, sendo observados pelas sombras dos pais na esquina, que parecem aprovar a cena que assistem. A sombra da menina empurra os pais como que pedindo privacidade para a cena. O menino e a menina se beijam. Novamente as sombras dos pais observam sorridentes e novamente a sombra da menina empurra-os.</p> <p>4. A mãe aparece com uma mochila e entrega à filha. O pai aparece com a bola e também a entrega à menina. Todos eles se abraçam. A menina vê a escola de longe e dá tchau para os pais. Os pais, abraçados, se despedem.</p> <p>5. As sombras observam a cena da menina seguindo para a escola e tentam, tristes e desesperadas, impedi-la de continuar o seu caminho. A sombra da mãe quer segurar a menina, mas não a alcança... Elas voam na frente dela e tentam pará-la, transformando-se em um paredão, mas a menina os atravessa. As sombras não desistem e se enrolam na menina, mas ela continua o seu caminho. Então as sombras choram e com as mãos esticada para a menina, vão se dissolvendo no chão.</p>

B) Luto dos pais e o

Relacionamento conjugal

1. O homem e a mulher jantam isolados, cada um em uma ponta da mesa. Estão

tristes, e as sombras do passado são projetadas na parede, demonstrando que antes, o casal discutia bastante. O homem olha para a mulher num dado momento, como se quisesse dizer algo, mas depois abaixa a cabeça novamente e deixa a mesa, enquanto a mulher brinca sem vontade com as almôndegas no prato, demonstrando que ela não tem fome. . O homem vai para o quintal e observa, triste, uma mancha azul na parede... depois abaixa a cabeça e segue o seu caminho...

2. A mãe sobe a escada carregando um cesto de roupas sujas, seguida por um gato preto. Ela observa, triste, uma porta entreaberta. Vai até lá, olha para dentro do quarto triste e depois fecha a porta.

3. A mulher está agachada observando um canteiro. Uma sombra feminina, que muito se assemelha à sua própria sombra, aparece por detrás da mulher e coloca a mão em seu ombro, tentando consolá-la. Depois, a sombra voa sobre os canteiros e se faz flor nas plantinhas, mas a mulher já havia se afastado.

4. O homem está sentado numa poltrona em frente à tv e segura uma cerveja na mão. Um close no rosto do homem demonstra que seus olhos estão tristes e ele não está, de fato, entretendo-se com programa algum; ele apenas está ali e rememora algo.

5. A mulher abre a máquina de lavar roupas e retira algumas, deparando-se com uma camiseta azul. Ela tem um sobressalto e pega a peça nas mãos e começa a chorar, escondendo o rosto na camiseta. Depois, se encosta na máquina e escorrega até sentar no chão, chorando. A sombra aparece e tenta consolá-la...

6. Dentro da escola, o sinal do intervalo soa, mas nenhuma criança aparece. Apenas o barulho de disparos de arma de fogo e gritos de crianças. Uma sirene de ambulância é escutada. No celular aparece a mensagem: “If anything happens I love you” – Se algo acontecer... te amo! As letras se transformam em gotas de chuva que caem sobre as sombras do homem e da mulher, que estão encolhidos, cada um em seu canto.

7. A sombra da menina aparece e tenta segurar as gotas de chuva. De longe, ela vê as sombras dos pais chorando em desespero. Ela tenta tocar a sombra da mãe, mas ela se afasta... então ela olha e vê a sombra do pai também se afastando, cada um para um lado oposto.

8. Ela fica sozinha, chorando e tenta segurar o braço de sua mãe e de seu pai, mas eles continuam se afastando... Ela não consegue se esticar mais e acaba caindo no chão, triste.

9. No chão, a sombra da menina vira uma grande bola que abarca toda a área (ilha) onde seus pais estão se afastando. Ela dobra a terra, fazendo com que eles escorreguem e se aproximem. As sombras se transformam no pai e na mãe. Eles se viram e percebem que estão próximos, sem se tocar. Aí se viram novamente e observam o sol imenso sorrindo para eles. Então uma lágrima escorre pelo rosto da mulher, que se esconde no ombro do marido para chorar, sendo abraçada por ele, que também deixa escapar uma lágrima.

C) Diferenças: Luto Materno e Luto Paterno

1. Na mesa, a mulher brinca sem vontade com as almôndegas no prato, deixando claro que ela apenas permanece ali, pois não tem fome. Depois, vai para o quintal e remexe num canteiro de flores, mas a cena demonstra claramente que não há prazer na atividade e ela apenas age mecanicamente.

2. A mulher abre a máquina de lavar roupas e retira algumas, deparando-se com uma camiseta azul. Ela tem um sobressalto e pega a peça nas mãos e começa a chorar, escondendo o rosto na camiseta. Depois, se encosta na máquina e escorrega até sentar no chão, chorando

3. Na mesa, o homem olha para a mulher num dado momento, como se quisesse dizer algo, mas depois abaixa a cabeça novamente e deixa a mesa. O homem vai para o quintal e observa, triste, uma mancha azul na parede... depois abaixa a cabeça e segue o seu caminho.

4. O homem está sentado diante da tv e toma uma cerveja. Um close no seu rosto mostra que seus olhos estão tristes e ele está rememorando algo.

5. No quarto da criança, o homem toca o ombro da mulher e ambos se sentam lado a lado na cama. A sombra da criança está sorridente e aponta-os. Após rememorarem juntos as vivências felizes em família, quando a filha ainda era viva até o momento trágico da perda, uma lágrima escorre pelo rosto da mulher, que se esconde no ombro do marido para chorar, sendo abraçada por ele, que também deixa escapar uma lágrima. Agora, eles estão novamente sentados na cama no quarto da filha que faleceu e são observados por suas sombras, que também se abraçam.

A partir da organização dos recortes das cenas, descritos na tabela e agrupados em categorias a partir dos objetivos específicos elencados, foi iniciado o processo de discussão integrando-se à revisão de literatura apresentada.

Representações da filha para seus pais:

No curta-metragem, o nascimento da menina é recebido pelos pais como uma chuva de estrelas que descem do céu e iluminam a cidade de púrpura. A cena pode ser compreendida como a projeção de todas as boas intenções dos pais, representadas pelas cores que inundam a vida do casal, cores estas que estão ausentes no início do curta. Essa cena pode ser compreendida em relação ao que representa um filho para os pais, chegando a iluminar suas vidas, sendo representado pelas estrelas e cores. Para Battikha (2007), o nascimento de um bebê é sempre recebido com festa, pois "o bebê porta o futuro da linhagem parental" (p. 17) e ligado ao narcisismo dos pais. A autora ilustra este fato argumentando que, quando a criança recebe um elogio, normalmente a mãe agradece, como se o elogio tivesse sido feito a ela mesma. Aos seus olhos, o nascimento de uma criança perfeita é motivo de orgulho e a significa como boa por tê-lo "produzido". Neste sentido, Freud (1914/1974) sustenta uma suposta perfeição atribuída à criança, sobre a qual os pais projetam todo o seu narcisismo infantil.

Na cena em que as sombras dos pais observam a menina conversando a sós com um menino em sua festa de aniversário de 10 anos de idade, é possível perceber que os pais sorriem, comprovando a expectativa que têm em relação à filha: de que ela cresça e encontre um amor, construindo sua própria família no futuro. As crianças representam a continuidade

da família, pois, conforme apontado por Battikha *et al.* (2007), Roque e Esteves (2009), Reis (2017), Reis *et al.* (2021), os filhos representam a própria imortalidade dos pais, na medida em que eles nutrem a fantasia de continuidade através das gerações futuras. A atitude de aprovação dos pais demonstra o quanto eles nutriam esta fantasia, expectativa e esperança, que é abalada pelo evento seguinte - o assassinato da criança na escola - colocando em xeque a própria identidade dos pais, que se reconheciam na filha.

Posteriormente, quando a mãe entrega uma mochila à filha e o pai entrega uma bola, pode-se considerar que há expectativas de que a filha não apenas adquira conhecimentos, mas que também realize os sonhos dos pais, pois embora a filha demonstre aptidão para o esporte, a atitude do pai parece sugerir que, de fato, o pai nutria a esperança de que a filha realizasse um desejo que também era dele: o de ter sido um jogador de futebol. Conforme apontado por Reis *et al.* (2021), com a perda do filho, também os sonhos, idealização, expectativas, projetos e investimentos afetivos que os pais haviam depositado na criança são perdidos, pois, "sob a perspectiva narcísica, o filho ocupa o centro da relação familiar, sendo responsável por realizar os sonhos dos pais" (Reis *et al.*, 2021, p. 3) Estas expectativas, conscientes e inconscientes, são as principais fontes do desequilíbrio familiar diante de um fato tão adverso quanto o representado pela morte da criança. "A desconstrução de muitas expectativas vinculadas ao crescimento e ao processo desenvolvimental da criança" (Reis *et al.*, 2021, p. 3) são os principais fatores que desencadeiam angústias e todos os sentimentos relacionados ao luto, quando não o de depressão. A dificuldade na expressão dos sentimentos também pode representar um agravante no processo de elaboração do luto.

O desespero e o sentimento de impotência por não ter conseguido proteger o filho, tão claro na cena em que as sombras se desesperam e tentam evitar que a menina continue o seu caminho para a escola, é apontado por Reis *et al.* (2021) como frequente no processo de elaboração da perda. O sofrimento ao rememorar as vivências felizes, seguidas no momento trágico da perda, também é enfatizado no curta-metragem. Reis *et al.* (2021) afirmam que as tentativas de se livrar do sofrimento pelo filho que faleceu são, muitas vezes, rechaçadas como uma forma de abandoná-lo e se somariam ao sentimento de culpa por ter falhado na missão de protegê-lo, de não ter correspondido à imagem que a criança projetou neles de seres onipotentes, capazes de defendê-la de todo o mal. (Reis *et al.*, 2021)

Luto dos pais e relacionamento conjugal

Logo no início do curta, é possível identificar que os pais jantam juntos, porém afastados. Eles não se comunicam e cada um ocupa a ponta da mesa, em lados opostos. Embora num certo momento o homem olhe para a esposa como se quisesse dizer algo, ao desistir e deixar a mesa de cabeça baixa, a questão da falta de diálogo entre eles demonstra que há um abismo emocional que os separa; as sombras do homem e da mulher que observam a cena demonstram que eles estão apartados de suas próprias “almas”; que o casal antes discutia, mas havia comunicação entre eles. A dor pela perda da filha ainda é tão intensa que impede que eles falem sobre o assunto.

Roque e Esteves (2009) afirmam que apesar de a perda afetar e deixar um sentimento de vazio em todos os membros da família, as reações são diferentes, parecendo afetar mais as mães, por alimentarem um sentimento de culpa de ter falhado em sua função de cuidar da criança. As autoras destacam que os impactos da perda abrangem quatro dimensões: a individual, a conjugal, a familiar e a social. No tocante ao relacionamento entre o casal, as autoras afirmam que:

[...] Uma vez que cada pessoa possui uma forma de experienciar o seu pesar, frequentemente ocorrem problemas entre o casal durante este período e, em muitos casos, o divórcio acontece. Deste modo, a dimensão familiar também é afetada, pois a perda de um filho é uma mudança que implica uma reorganização familiar, nomeadamente, no que respeita a regras, papéis e principalmente nas estratégias para lidar diariamente com a perda. (Roque & Esteves, 2009, p. 630)

A mulher coloca as almôndegas no prato, demonstrando que ela tenta seguir a vida e manter as atividades cotidianas, mas ela não tem fome. Suas ações são executadas mecanicamente, tal como colocar a mesa, cuidar do canteiro, lavar a roupa... O homem, sentado em frente à televisão, bebe uma cerveja, porém, pode-se identificar em seu rosto a tristeza e ele não está ali buscando entretenimento realmente. Cada um deles apenas tenta prosseguir, buscando escamotear a própria dor, ainda que tudo o que eles observam no ambiente os faça lembrar da criança ausente.

O processo de luto pode-se ser identificado nestas cenas, apresentando algumas características comportamentais apontadas nos estudos de Freud (1917/1974), Barbosa (2010), Bowlby (1973), Machado (2018), Maués (2021), entre outros autores, tais como: afastamento e desinteresse pelas coisas, tristeza e busca de isolamento, além da diminuição na

capacidade de expressão do amor. O comportamento dos pais aponta para um processo mais recente e que ainda está sendo vivenciado profundamente. A fase do desespero, tal como descrita por Kübler-Ross (2005), Barbosa (2010) e Roncatto (2019), possivelmente já aconteceu, tendo sido precedida por uma fase de isolamento e recolhimento psicológico. É neste momento que os psicanalistas afirmam que, com a ruptura dos laços, as ligações afetivas com o objeto amado são retiradas e, com elas, o interesse no mundo externo é afetado, interferindo inclusive na demonstração de afetos entre o casal.

Em vários momentos, quando a cena é deslocada de volta ao passado, é possível observar que o casal era bastante unido e a presença da filha tinha completado a família. Eles viajavam juntos, se divertiam. Tudo isso foi afetado com a ausência da filha, como se o relacionamento tivesse tido início com a criança e não o inverso. A ausência da filha afetou profundamente as relações entre o casal e consigo mesmos, apartando-os de seus próprios desejos. Tudo isso pode ser percebido na cena em que a sombra da criança vê a sombra dos pais chorando e tenta tocar a mãe, mas ela se afasta. Então ela olha e a sombra do pai também está se afastando, cada um seguindo para lados opostos. Ela fica no meio e tenta inutilmente segurar o braço de sua mãe e de seu pai, mas eles continuam se afastando... Ela não consegue se esticar mais e acaba caindo no chão, triste, pois não consegue reestabelecer o laço entre o casal. Toda esta cena ilustra as afirmações de Roque e Esteves (2009) sobre as interferências da morte de um filho no relacionamento entre os pais, podendo, inclusive, levá-los à ao divórcio, quando o afeto entre eles também é afetado forma definitiva, impedindo o reestabelecimento dos vínculos.

Na cena em que os pais estão novamente sentados na cama no quarto da filha que faleceu e são observados por suas sombras, que também se abraçam, a cena deixa transparecer a imagem luminosa da filha no meio deles, apontando para um vínculo mais forte entre o casal, sendo a filha o fruto desta relação, e não o único elo que os uniam. O foco da cena nos pais abraçados, que vai se afastando até focar o lar do alto, pode ser interpretado como o início do reestabelecimento dos laços afetivos, que não foram rompidos, mas apenas suspensos temporariamente.

Diferenças: luto materno e luto paterno

Em diversos momentos é possível perceber a diferença entre o processo de elaboração do luto pela figura da mãe e pela figura do pai. A mãe, na cena em que ela abre a máquina de lavar roupas e retira peças, deparando-se com uma camiseta azul da filha morta, começa a chorar, esconde o rosto na camiseta e escorrega o chão, exprimindo toda a sua dor com gestos e atitudes. O pai, ao contrário, ao observar triste uma mancha azul na parede do quintal, baixa a cabeça e segue o seu caminho. Embora seja perceptível a sua tristeza, ele não a manifesta claramente.

No caso materno, a ruptura do vínculo entre mãe e filho, estabelecido desde a gravidez, é percebido muitas vezes como um golpe bem mais complexo no nível do narcisismo primário. Muitas vezes as mães também podem nutrir sentimento de culpa relacionados à morte de um filho, sobretudo quando ele é proveniente de algum desejo inconsciente que mãe possa ter tido no passado ao se deparar com uma gravidez não esperada. Freud (1921/2011) e Badinter (1985) apontam para a concepção equivocada da maternidade como uma tendência natural e inata das mulheres, demonstrando que a maternidade é uma construção sociocultural que se estabelece na relação de uma mãe e o seu filho.

Em vários momentos a sombra e o marido tenta consolar a mulher. Num determinado momento do curta, quando estão no quarto da filha, a mulher esconde o rosto no ombro do marido para chorar, sendo abraçada por ele, que também deixa escapar uma lágrima. Ambos estão sofrendo, mas, tal como apontado nos estudos de Teixeira (2020) acerca do luto paterno, a postura adotada pela figura masculina parece sustentar o papel socialmente atribuído aos homens na sociedade de representarem um suporte às mães, tentando sufocar a própria dor para poder amparar suas esposas. A cobrança social que impõe um embrutecimento emocional aos homens, obrigam-nos a aparentar força e, muitas vezes, a continuar realizando suas atividades a despeito da dor que sentem. Teixeira (2020) inclusive cita o uso de substância psicoativas como um comportamento de risco através do qual os homens expressam o seu luto. No filme, a cerveja na mão da figura paterna, ainda que ele demonstre claramente que não se trata de um momento de relaxamento e entretenimento, apontam neste sentido.

Tal como apontado por Reis *et al.* (2021) as diferenças da forma como pais e mães vivenciam a questão do luto pela morte de um filho ou filha são semelhantes, embora existam algumas diferenças, tal como a culpabilização, que normalmente é associada ao luto materno devido às pressões socioculturais que delegam às mães a função de assegurar a integridade física e psicológica dos filhos, cabendo aos pais a garantia de prover as necessidades de

ordem material. Este fato também é relacionado pelos autores às dificuldades que, muitas vezes, são apontadas na expressão paterna de sentimentos. Pode-se perceber este fato na forma como os personagens são apresentados no curta, com uma expressão mais pungente e clara dos sentimentos focadas na figura da mãe. O desamparo e sentimento de impotência da mãe, expresso na cena onde ela retira da máquina de lavar a blusa que pertencia à filha - sendo dominada pela dor a ponto de "escorregar" até o chão -, demonstra o quanto persiste a narrativa de que o luto materno é maior que o paterno. O fato dessa dor começar a ser delineado a partir do encontro da peça de roupa deixa claro também a fantasia materna ligada à sua função protetiva e sentimento de ter falhado neste sentido.

Ambos os pais, embora vivenciem a mesma perda, lidam com a questão de forma diferente. Alguns autores enfatizam que há uma crença de que a dor mais intensa é vivenciada pelas mães, sobretudo em culturas que validam estes os papéis sociais; outros, vão sustentar que os aspectos inconscientes ligados ao lugar que estes filhos ocupam no psiquismo de cada um é que vão interferir no grau de maior ou menor sofrimento para os pais, independente da forma como eles expressam esta dor (Freitas, 2000; Machado, 2019; Teixeira, 2020).

Machado (2019) constata que a forma como se dará o luto paterno está diretamente ligada à qualidade dos vínculos emocionais estabelecidos entre esse pai e seu filho/a, bem como à manutenção dessa identidade enquanto pai, relacionada a temas como masculinidade e paternidade, temas estes que têm sido pouco explorados. Além disso, a falta de reconhecimento social do luto paterno é apontada por Maués (2021) pelo comportamento de alguns pais de esconder os seus sentimentos, como se não lhes fosse legítimo o direito de se enlutar, ainda que tenha sofrido a perda, sobretudo em sociedades sob o domínio da ética protestante, onde a questão do trabalho é vista como um dos recursos disponíveis para se lidar com a perda e o luto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de elaboração do luto é bastante conhecido e estudado em todas as culturas, incluindo aqueles decorrentes da morte de crianças. De fato, na antiguidade, devido a pandemias, falta de recursos e outros fatores, a perda de filhos ainda na primeira infância não era um fato tão incomum, conforme apontado pelos estudos de Kübler-Ross (2005). Da mesma forma como as famílias são uma construção social, também as manifestações da dor e do luto no decorrer da história humana também sofreram modificações: o descontrole emocional, inicialmente aprovado socialmente como uma expressão ruidosamente genuína da dor, passou a ser evitado e contido no final da Idade Média.

Indo além dos estudos acerca do luto e suas manifestações históricas e sociais, a dor pela perda de um ente querido, principalmente quando a morte parece contrariar a ordem natural das coisas, como é o caso dos pais que precisam enterrar os filhos, sobretudo crianças, tal fato acaba por mover diversos mecanismos psíquicos de elaboração da perda, que interferem não apenas no cotidiano dos indivíduos isoladamente, mas também se refletem nas relações afetivas estabelecidas dentro das família e de cada pessoa consigo mesma. Conforme demonstrado pela teoria psicanalítica e sistêmica, a ruptura dos vínculos em decorrência do luto pela perda de um objeto amado é difícil e obedece a etapas específicas de elaboração da perda e aceitação dos fatos para que os vínculos com a realidade e o mundo externo possam ser reestabelecidos, com reinvestimentos graduais de afeto no mundo externo.

Tudo isso implica em um processo complexo e subjetivo, em que diversos sentimentos, representações, afetos, ideias, pensamentos, desejos e impulsos são colocados em questionamento. E ainda que se saiba que a morte faz parte do processo natural da existência, ela nunca é um evento indiferente. A forma como cada pessoa lida com a questão também sofre inferências da sociedade, como ficou demonstrado nas diferentes formas como o luto materno e o luto paterno é vivenciado.

REFERÊNCIAS

- Alves, C. C. & Paraboni, P. (2020). Narcisismo parental e depressão diante do câncer do(a) filho(a). *Revista Mudanças*, 28(2), pp. 63-70.
- Alves-Silva, J. D. & Scorsolini-Comin, F. (2019). As famílias podem (se) adoecer: revisão integrativa da literatura científica. *Vínculo-Revista do NESME*, 16(2), pp. 23-43.
- Arruda, S. L. S. & Lima, M. C. F. (2013). O novo lugar do pai como cuidador da criança. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 4(2), p. 201-216.
- Badinter, E. (1985). Um amor conquistado: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Baltazar, J. A. & Moretti, L. H. T. (2020). As relações familiares, a escola, e sua influência no desenvolvimento infanto-juvenil e na aprendizagem. *Revista Terra & Cultura: Cadernos de Ensino e Pesquisa*, [S.l.], 20 (39), pp. 126-135.
- Battikha, E.C., Faria, M. C. C. & Kopelman, B.I. (2007). As Representações Maternas Acerca do Bebê que Nasce com Doenças Orgânicas Graves. *Psic. Teoria e Pesquisa*, 23(1).
- Barbosa, A. (2010). Processo de luto. *Manual de Cuidados Paliativos*, pp. 487-532.
- Bowlby, J. (1998). *Perda: tristeza e depressão*. Trilogia Apego e Perda, v. 3. São Paulo: Martins Fontes.
- Bernardino, L. (2011). As entrevistas preliminares na psicanálise com crianças. *Revista da Associação psicanalítica de Curitiba*, n.23, pp. 65-73.
- Bouteiller, B., Maranhão, B. & Mello, C. B. (2017). Luto e melancolia: variações com o texto de Freud. *Reverso*, 39(73), pp. 35-44.
- Campos, E. B. V. (2013). Considerações sobre a morte e o luto na psicanálise. *Revista de Psicologia da Faculdade de Ciências – UNESP, Bauru*, 12 (1), pp. 13-24.
- Caputo, R. F. (2008). O homem e suas representações sobre a morte e o morrer: um percurso histórico. *Saber Acadêmico - Revista Multidisciplinar da Uniesp*, n.6, pp. 73-80.

- Cavalcanti, A. K. S., Sameczuk, M. L., & Bonfim, T. E. (2013). O conceito psicanalítico do luto: uma perspectiva a partir de Freud e Klein. *Psicólogo Informação*, 17(17), pp. 87-105.
- Creswell, John W. (2007). *Projeto de Pesquisa - Métodos qualitativo, quantitativo e misto* (2a. ed.; L.O. da Rocha, Trad.). Porto Alegre: Artmed.
- Del Priore, M. (2013). Pais de ontem: transformações da paternidade no século XIX. In Del Priore, M, Amantino, M. (Orgs.). *História dos Homens no Brasil*, pp. 153-184. São Paulo: Unesp.
- Freitas, N. K. (2000). *Luto Materno e Psicoterapia Breve*. São Paulo: Summus.
- Freud, S. (1976). O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos. In J. Salomão (Ed.). *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (v. 12, pp. 15-110). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1911)
- Freud, S. (1976). Sobre o narcisismo: uma introdução. In J. Salomão (Ed.). *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (v. 14, pp. 85-119). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (1976). Luto e melancolia. In J. Salomão (Ed.). *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (v. 14, pp. 271-292). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1917)
- Freud, S. (2011). Psicologia das Massas e Análise do Ego (Trad. Paulo C. de Souza). In *Sigmund Freud Obras Completas* (P.C. Souza Trad., v. 15, p. 13-113. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1921)
- Freud, S. (1976). Inibições, Sintomas e Ansiedade. In J. Salomão (Ed.). *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (v. 20, pp. 95-107). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1925)
- Gil, A. (2012). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 6a. ed. São Paulo: Atlas.
- Kaufman, P. (Org). (1996). *Dicionário Enciclopédico de Psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

- Klein, M. (1996) O luto e suas relações com os estados maníaco-depressivos. In Klein, M. *Amor, Culpa e Reparação*, pp. 385-412. Rio de Janeiro, Imago. (Trabalho original publicado em 1940)
- Koury, M. G. P. (2014). O luto no Brasil no final do século XX. *Caderno Centro de Estudos e Pesquisas em Humanidades - CRH*, n. 27, pp. 593-612.
- Kübler-Ross, E. (2005) *Sobre a morte e o morrer: o que os doentes têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes*, 8a. ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Kusiak, G. S., Mello, L. T. N. & Andretta, I. (2019). Empatia e Práticas Parentais: a importância dos pais se colocarem no lugar dos filhos. *Aletheia*, Canoas, 52(2), pp. 1-13.
- Laville, C. & Dionne, J. (1999) *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas* (H. M. F. Settineri Trad.). Porto Alegre: Artmed.
- Machado, A.V. (2018). Considerações sobre o enlutamento na contemporaneidade através do estudo psicanalítico do luto paterno. *II Cong. Bras. de Psic. da FAE - CBPSI*. pp. 26-29.
- Machado, A.V. (2019). *O luto paterno em questão: um estudo psicanalítico do sofrimento de pais que perdem um(a) de seus filhos(as)*. Dissertação de Mestrado pela Univ. Federal do Paraná.
- Madeira, R. P. (2018). *Cognições e emoções parentais a partir de um cenário ambíguo em pais de crianças com ansiedade social*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde pela ULHT- Univ. Lusófona de Humanidades e Tecnologias.
- Magnani, R. M., & Staudt, A. C. P. (2018). Estilos parentais e suicídio na adolescência: uma reflexão acerca dos fatores de proteção. *Pensando famílias*, v. 22, nº 1, pp. 75-86.
- Maués, P. Z. (2021). *"O luto é para sempre, mas a vida continua": ressignificações da experiência paterna diante da perda de um(a) filho(a)*. Dissertação de Mestrado em Saúde Coletiva pelo Instituto Nacional de Saúde da Mulher da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira, Fundação Oswaldo Cruz (IFF/Fiocruz). Rio de Janeiro.
- McComarck, W., & Govier, M. (2020). *Se algo acontecer... te amo*. Curta Metragem disponível em Netflix.

- Morelli, A. B., Scorsolini-Comin, F. & Santos, M. A. (2014). Elementos para uma intervenção em aconselhamento psicológico com pais enlutados. *Psico*, 45(4), pp. 434-444.
- Muza, J. C., Souza, E. N., Arrais, A. R. & Iaconelli, V. (2013). Quando a morte visita a maternidade: atenção psicológica durante a perda perinatal. *Revista Psicologia: Teoria e Prática*, 15 (3), São Paulo, pp. 34-48.
- Pereira, S. M., & Pires, E. F. (2018) As experiências de perdas e luto na contemporaneidade: um estudo bibliográfico. *Revista Educação*, 13(1), pp. 200-217.
- Pereira, S. E., Simon, C., Kern, C. A. R. & Gomes, K.M. (2017). Influências parentais na saúde mental das crianças na fase da segunda infância. *Revista de Extensão*, 2(2), pp. 47-59.
- Rebello, J. E., Lancman, S. & Batista, M. P. P. (2017). Perspectivas sobre as estruturas não governamentais e a ação comunitária no apoio ao luto sadio em Portugal e o “Modelo Vivencial do Luto Sadio”. *Revista De Terapia Ocupacional Da Universidade De São Paulo*, 28(1), pp. 1-8.
- Reis, C. G. C. (2017). *O Luto dos Pais Cujos Filhos Morreram Crianças*. Dissertação de Mestrado em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Maria.
- Reis, C. G. C. , Olesiak, L. R., München, M. A. B., Quintana, A. M. & Faria, C. P. O (2021) Luto de pais: Considerações Sobre a Perda de Um Filho Criança. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 41(3- especial), pp. 01-16.
- Roncatto, R. (2019). *Luto infantil*. Trabalho de conclusão de curso de Psicologia pela Universidade de Caxias do Sul.
- Roque, A. R. R. & Esteve, M. L. (2009) "O Processo do Luto na Ausência do Corpo". *Revista de Psicologia INFAD - International Journal of Developmental and Educational Psychology*, n.1, pp. 627-634.
- Teixeira, T. (2020). *Luto paterno: revisão integrativa da literatura brasileira acerca do pai que perdeu seu filho por causa externa*. Dissertação de Mestrado pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP.

- Valente, T. Z., & Lopes, C. M. B. (2008). A perda simbólica e a perda real: o luto materno. *Salão de Extensão e Cultura*, pp. 1-9.
- Violante, M. L. V. (1995) *A criança mal-amada: estudo sobre a potencialidade melancólica*. Petrópolis: Vozes.
- Zanetti, S. A. S. & Gomes, I. C. (2011). A "fragilização das funções parentais" na família contemporânea: determinantes e consequências. *Temas em Psicologia*, 19(2), pp. 491-502.
- Zimerman, D. E. (2008) *Vocabulário contemporâneo de Psicanálise*. Porto Alegre: Artmed.
- Zornig, S. M. A-J. (2010) Tornar-se pai, tornar-se mãe: o processo de construção da parentalidade. *Tempo psicanalítico*, 42(2), pp. 453-470.